

## RESENHA

### DELEUZE & A EDUCAÇÃO

Resenhador

Francielle Bonfim Beraldi

*Professora do Ensino Básico do Município de Presidente Prudente, SP, e  
mestranda em Geografia pela UFGD - Dourados, MS*

*E-mail: franciellebonfim@yahoo.com.br*

GALLO, Silvio. **Deleuze & a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Deleuze, o pensador das multiplicidades, está no centro desta obra de Silvio Gallo. A publicação deste trabalho é importante por várias razões, mas dentre elas podemos iniciar citando duas que se destacam. Uma mais relacionada à escolha de Silvio Gallo para discorrer sobre Deleuze, a segunda quanto à importância de uma exploração do pensamento deleuzeano para pensar perspectivas sobre a educação.

Silvio Gallo, professor da Faculdade de Educação da Unicamp na área de Filosofia da educação, tem debruçado suas pesquisas acadêmicas em torno das obras de pensadores como Sartre, Foucault, mas principalmente sobre os trabalhos de Deleuze e Guattari, sobretudo na obra “solo” deleuzeana.

Quanto à importância de Deleuze para a educação, a obra é capital porque muitas vezes seu pensamento fica oculto, desconhecido nas discussões sobre educação pela falta de autores que estejam dispostos a apresentar, de forma didática e abrangente, o complexo e rizomático pensamento do filósofo francês.

O livro aqui resenhado faz parte da coleção **Pensadores & Educação**. Isto leva Gallo, desde as primeiras páginas da obra, colocar para o leitor as razões pelas quais seu livro esteja presente numa coleção com tal nome, apesar de abordar um autor que não produziu obras necessariamente voltadas à educação e aos educadores.

Da leitura do livro podemos observar a admiração que Gallo demonstra pelo trabalho de Deleuze e quanta contribuição esse filósofo pode trazer ao “ser professor” e à educação como um todo. Isto pode ser ajuizado desde a carreira de Deleuze enquanto assistente na Sorbonne até como professor do Centro Experimental Vincennes, na Universidade de Paris. Tendo uma longa carreira docente, Gilles Deleuze criou conceitos importantes para a educação e, principalmente, instigantes reflexões para os educadores.

Gallo (2008, p. 53) busca, como ele mesmo evidencia, “demonstrar a fecundidade do pensamento de Deleuze para nos fazer pensar a educação, para nos permitir pensar, de novo, a educação”. A ideia consiste em propor um exercício de pensamento feito por deslocamentos<sup>1</sup>, para pensar quatro pontos importantes acerca da educação que se associam ao pensamento deleuzeano.

O primeiro destes pontos seria a Filosofia da Educação, a partir da perspectiva deleuze-guattariana, ou seja, como criadora de conceitos para instaurar novas potências do pensar; um segundo seria a “educação menor”, paralelo ao conceito originário de “literatura menor”, como forma de territorializar práticas educacionais que subvertam as macro políticas de Estado. Ainda neste exercício de pensamento, o terceiro ponto se atém na discussão sobre o conceito de rizoma para problematizar a questão do currículo e da organização educacional; finalizando com a abordagem sobre a escola como um “mecanismo de controle” social, sempre na visão deleuzeana, como é a proposta do livro.

Deleuze procurou perverter o platonismo, buscando fazer uma filosofia em que a divisão de categorias não termine por dividir o Ser, que não é uniforme e sim unívoco, ou seja, o Ser é uma voz que se dá em movimentos múltiplos, diferenciando de acordo com os agenciamentos que faz em sua vida. Para a educação esta afirmação é basilar, afinal, como pensar em educação sem pensar em nossos alunos, em suas vivências e os agenciamentos que fazem a partir disto?

---

<sup>1</sup> Operar por “deslocamento” foi a forma escolhida por Gallo para aproximar o pensamento deleuzeano a algumas questões da educação. Para Gallo (2008, p. 53-54) seria “Tomar conceitos de Deleuze e deslocá-los para o campo, para o plano da imanência, que é a educação. Ou, em outras palavras, desterritorializar conceitos da obra de Deleuze e Guattari para reterritorializá-los no campo da educação”.

Quando aponta as principais construções deleuzeanas, que de pronto colocam-nos a pensar também sobre a educação, Gallo fala a respeito da criação de conceitos. A própria atividade de criar conceitos apresenta intrínseca relação com a ação transformadora da educação. Temos que:

Assim, criar conceitos é uma forma de transformar o mundo; os conceitos são as ferramentas que permitem ao filósofo criar um mundo à sua maneira. Por outro lado, os conceitos podem ainda ser armas para a ação de outros, filósofos ou não, que dispõem deles para fazer a crítica de mundo, para instaurar outros mundos. (GALLO, 2007, p. 35).

Nesse sentido, a ação educacional agencia enunciados e corpos conceituais na direção de estabelecer sentidos para a vida, desconstruindo verdades e instaurando outras potências de leitura e práticas do homem no mundo. O papel do filósofo, na perspectiva deleuzeana, é criar conceitos, sendo que cada filósofo imprime suas visões de mundo a partir dos conceitos que cria. O educador, portanto, pode ser um filósofo ou qualquer outro personagem conceitual, um amigo do conceito que emprega a este no sentido de estimular e multiplicar as formas de pensar.

O conceito é um catalisador, um fermento, que a um só tempo faz multiplicar e crescer as possibilidades de pensamento. Por isso cabe a ele ser interessante e não necessariamente verdadeiro. (GALLO, 2008, p. 48).

Gallo explica que, para se criar conceitos não se pode restringir apenas a uma linguagem filosófica, pois, apesar de ser função da filosofia criar conceitos, ela os cria a partir do mundo e das várias formas com que o mesmo se expressa humanamente, ou seja, pelas várias artes, ciências e pensamentos filosóficos.

Ao trabalhar com as três ordens de saberes, quais sejam: a Ciência, a Arte e a Filosofia, Gallo argui que para Deleuze estes são complementares, mas também inconfundíveis, e representam sobretudo possibilidades de rasgar o caos. Pensar o mundo não visa eliminar o caos, essa idealização de um mundo estável, uniforme e sem contingências tem sua origem platônica e é duramente questionada por Deleuze, mas sim

de instaurar potências de sentidos frente o caos da vida, rasgando-o por meio de linhas de leitura que nunca se tornam estáveis. Isso é justamente o criar, reinventar sentidos diante das inúmeras possibilidades que o caos nos coloca. Esta discussão, feita de forma extremamente interessante, envereda para uma crítica da opinião<sup>2</sup>, que se quer vencedora do caos e exterminadora da multiplicidade.

Ao destacar a educação como um Plano em que se coloca a tensão entre uma prática orientada pelas macropolíticas do Estado, denominadas como “educação maior”, frente as ações e pensamentos que se territorializam nos detalhes e nas práticas coletivas do aparentemente banal, a educação menor”, Gallo nos mostra que o caos e a multiplicidade fazem parte deste universo educacional, e que, muitas destas opiniões, que buscam organizar o caos, acabam sendo frustradas porque visam a uniformidade e a estabilidade idealizadas pela educação maior, tornando inatingível qualquer processo de compreensão do mundo em sua dinâmica e complexidade.

A educação menor, termo emprestado da obra **Kafka - Por uma Literatura Menor** (DELEUZE; GUATTARI, F. Rio de Janeiro: Imago, 1977) foi uma *bomba de nuances* atirada por Gallo, para agenciar aqueles que compartilham a insatisfação com a atual ordem de poder, de uma educação que diz como todos devem pensar e se comportar, ou seja, como professores-profetas da verdade:

Mas, para além do professor-profeta, hoje deveríamos estar nos movendo como uma espécie de professor-militante, que, de seu próprio deserto, de seu próprio terceiro mundo, opera ações de transformação, por mínimas que sejam. (GALLO, 2008, p. 60).

A educação menor, por conseguinte, tem uma perspectiva eminentemente política do papel do professor, estabelecendo o compromisso com a subversão da ordem das grandes verdades uniformizadoras e padronizantes, instigando a transformar pelos detalhes, pelos aspectos menores, aquilo que a educação maior ignora ou reprime.

---

<sup>2</sup> Quando fala em opinião o autor aponta para o fato de ser a educação uma “arena de opiniões”, que busca dar “identidade à educação”. Opinião, neste sentido apontado por Gallo, estaria intimamente relacionada a uma negação das potências criativas do pensamento, substituindo a este pela a ilusão de organizar o caos.

Nesse sentido que o pensar rizomático capacita o professor a potencializar novas perspectivas de leitura e ações, pois não se restringe ao pensamento arbóreo, o majoritariamente praticado em sala de aula.

Mas será, de fato, que o pensamento e o conhecimento seguem a estrutura proposta por um paradigma arborescente? Não será tal paradigma um modelo composto posteriormente e sobreposto ao conhecimento já produzido, como forma de abarcá-lo, classificá-lo, e assim, facilitar o acesso a ele e seu domínio, passando mesmo a determinar a estrutura de novos conhecimentos a serem criados? (GALLO, p. 74)

O pensamento arbóreo, portanto, parte de uma visão sequencial e de ordenação retilínea de compreensão dos fenômenos, não permitindo abordar o aleatório, o que rizomaticamente acontece de contingencial na vida, assim como no interior da sala de aula, subvertendo a ordem desejada e a normalidade uniformemente idealizada.

Prosseguindo em seus deslocamentos, Gallo aborda a questão dos mecanismos de controle, tão largamente utilizados na Educação, que a tornaram uma atividade de controle social. Os meios pelos quais estes controles são eficientes e as transformações que geram na sociedade são discutidas pelo autor a partir dos estudos de Michel Foucault, notadamente em sua obra **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões** (Petrópolis, RJ: Vozes, 1977), no diálogo com o pensamento deleuzeano sobre o tema.

Pois o pensamento uniformizante, arbóreo, pautado em opiniões, macro narrativo, de uma educação maior, se expressa na sala de aula por meio de profissionais proféticos, detentores da verdade única e disciplinando formas de comportamento, reproduzindo valores autoritários e negadores da dinâmica da vida.

Em outras palavras, a sala nunca é um caos, com os alunos ocupando o espaço desordenadamente, mas há sempre uma ordem implícita que, se visa a possibilitar a ação pedagógica, traz consigo a marca do exercício do poder, que deve ser sofrido e introjetado pelos alunos. (GALLO, 2008, p. 82)

Essas formas de controle, pedagogicamente exercitadas na sala de aula, levam a consolidação de um modelo tecnocrático de gerenciamento

educacional por parte do Estado, assim como a introjeção de práticas autoritárias no conjunto social, muitas vezes não percebidas como tais, como o modelo padronizante de comportamento social que passa uma falsa percepção de autonomia individual, quando se vive ainda sobre o estigma do autoritarismo.

A questão colocada no final do livro é o grande desafio para todo indivíduo que vive nessas condições modernas, principalmente para o professor frente ao atual projeto educacional. Até que ponto estamos sendo coniventes com a reprodução desse modelo padronizante? O quanto queremos resistir?

Mas o problema é: queremos opor resistência? Não estamos, educadores em geral, embarcando muito facilmente nos discursos macropolíticos, nos mecanismos da educação maior [...]. Não temos sido, nós mesmos, os vetores da consolidação das sociedades de controle no âmbito da educação? São questões que um devir-Deleuze na educação nos coloca, de forma a fazer proliferar o pensamento, e não a paralisá-lo. (GALLO, 2008, p, 91).

Enfim, ao ler este livro, não se pode esperar um manual, ou uma compilação de respostas de Deleuze aos problemas educacionais. A obra é mais uma chance de traçarmos linhas de fuga, são pequenas explosões que nos trazem interessantes contribuições de um autor como Gilles Deleuze, que, além de um dos maiores filósofos da contemporaneidade, foi, sobretudo, um professor.